

Quilombo do Areal, imagens e memórias

Resumo: Este ensaio remonta a uma pesquisa etnográfica desenvolvida junto ao Quilombo do Areal (Porto Alegre/RS/Brasil), a partir do amplo recurso à produção de imagens, enfatizando cotidiano, sociabilidades e personagens da comunidade. O olhar de conjunto sobre o acervo produzido há quase duas décadas conduz à reflexão sobre memórias, narrativas e processos políticos construídos ao longo do tempo.

Palavras-Chave: comunidade negra; sociabilidades; quilombo urbano; Porto Alegre

Quilombo do Areal, images and memories

Abstract: This essay is built from a photographic collection produced in an ethnographic research about the Quilombo do Areal (Porto Alegre/Brazil) community, focusing its daily life arrangements, sociabilities and some of its characters. The regard over this images, produced almost twenty years ago, conduces to reflexions about memories, narratives and political processes constructed along this time.

Key-words: black community; sociabilities; urban quilombo; Porto Alegre.



1 - Doutor em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS). Professor do Departamento Interdisciplinar/Campus Litoral Norte/UFRGS, atuando nos cursos de graduação: Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia; Desenvolvimento Regional; coordenador do curso de Licenciatura em Ciências Sociais EaD. Professor do Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento (PGDREDES). Membro do Núcleo em Antropologia Visual (NAVISUAL/UFRGS). Coordenador do projeto Paisagens do Litoral Norte Gaúcho.

olavo.marques@ufrgs.br

<http://lattes.cnpq.br/4329313092205827>

<https://orcid.org/0000-0002-7593-9608>

Este ensaio se configura como um intenso trabalho de memória. Remonta a um processo de pesquisa sobre o Quilombo do Areal, na região central de Porto Alegre/RS/Brasil, e revela-se como mergulho em produções relativas aos encontros que perfazem uma investigação etnográfica como rede e como percurso (Marques, 2017). Este mergulho, aqui, se concentra em minha produção fotográfica junto à comunidade, prática sempre pautada na premissa de que produção de imagens é instrumento de produção de conhecimento e interlocução, em uma antropologia imagética que associa imaginação e memória (Rocha e Eckert, 2015).

O Quilombo do Areal é uma comunidade que tem o seu processo identitário atrelado à luta pela possibilidade de perpetuação de sua existência enquanto coletividade centrada em um modo de vida específico, na região da Cidade Baixa, diante das mudanças em suas configurações populacionais e urbanas ao longo do tempo. Trata-se de uma comunidade majoritariamente negra, legatária do Areal da Baronesa — este território de referência na capital gaúcha, marcado pela presença negra, pelos terreiros de religião de matriz africana, pela música popular. O Areal concentra, metonimicamente — a parte pelo todo –, as memórias das condições de vida, itinerários e diásporas destes grupos diante do crescimento da cidade, do alargamento de suas fronteiras e das transformações urbanas que envolvem um processo contínuo de segregação e periferização das populações negras, expressões territoriais do racismo estrutural que marca nossa sociedade e nossos processos históricos.

Vivem em uma avenida, a Avenida Luís Guaranha. Estas avenidas, características do antigo Areal da Baronesa, ao contrário do nosso senso comum contemporâneo, não são aquelas das multidões impessoais, dos fluxos intensos de veículos e pedestres, mas sim vielas, ruas ou becos sem saída que ocupavam os miolos das quadras, agregando casas geminadas que abrigavam populações negras e empobrecidas entre meados do séc. XIX e início do Séc. XX. A vida que animava tais avenidas, marcadas pelas estreitas relações de vizinha, compadrio e ajuda mútua, pela efervescência do espaço público e de uso comum, pelas calorosas sociabilidades, é o que se perpetua no Quilombo do Areal. Tal é o mote fundamental do processo que conduz o pleito pelo território com base em sua afirmação étnico-racial.

A trajetória de pesquisa junto ao grupo remonta ao ano de 2004, quando compus a equipe de trabalho do projeto “Quilombo do Areal: Memória e Patrimônios”, conduzida pelo Museu Joaquim José Felizardo, e se estendeu durante o meu mestrado em Antropologia Social (Marques, 2006), a produção do Relatório Técnico de Identificação junto ao INCRA e outros processos específicos. Como antropólogo visual, produzi imagens em todos estes momentos de pesquisa. A proposta, para o presente ensaio, foi revisitar esta produção fotográfica, sobretudo aquela produzida em processo analógico, em suporte de filme, a partir de um olhar de conjunto, privilegiando imagens que retratam

o lugar, o cotidiano da comunidade, as sociabilidades efervescentes na avenida e os retratos de alguns de seus personagens. O critério técnico — luz, enquadramento, composição, dramaticidade — teve peso importante nas escolhas que conduziram à composição narrativa. Retratar da forma mais bela possível os nossos interlocutores é um compromisso ético fundamental, como nos ensinou Jean Arlaud. Mas pesa também, decerto, a importância que algumas dessas pessoas têm ou tiveram no processo político da comunidade e em meu processo etnográfico de imersão em seu dia a dia, na interação prolongada junto àqueles se abriram para a presença do(s) pesquisador(es) em suas vidas.

O mergulho nestas memórias envolve lembrar e homenagear essas pessoas: algumas que já fizeram sua passagem, como as saudosas Gessi (Duda), D. Sônia, D. Maria. Outras tantas eram crianças naquele início dos anos 2000, como Andrei, Desirée, Guilherme. Passados quase vinte anos, hoje são adultos, alguns deles se consolidando como lideranças que conduzem os processos políticos da comunidade. Estes processos políticos envolvem sempre um trabalho de memória, uma vez que embasados em identidades étnicas, pautadas pela dimensão do pertencimento coletivo e por uma identificação de origens e destinos comuns.

A comunidade se transformou enormemente desde o início das nossas pesquisas em 2004. Ganhou reconhecimento. Tem recebido pessoas, instituições e projetos vinculados às memórias negras da capital gaúcha. Tornou-se uma referência para a revigorada insurgência do carnaval de rua de Porto Alegre. Teve parte de seu território titulado — garantia de perpetuação no tempo, afastando o risco iminente de dissolução e desaparecimento a que esteve sujeita. Demonstra uma vitalidade marcante, projetando-se firme para o futuro, enquanto coletividade plural e dinâmica.

Venho insistindo que o trabalho de pesquisa junto a estes grupos se compõe no entrecruzamento com seus processos identitários. Os processos e produtos destes encontros — fotografias, filmes, textos, livros, relatórios — passam a compor, eles também, os acervos e as memórias das comunidades. Revisitar estas coleções e compor uma nova narrativa emerge aqui como forma de homenagem ao devir que conecta vidas. Vida longa ao Quilombo do Areal!

Referências

MARQUES, Olavo Ramalho. Entre a Avenida Luís Guaranha e o Quilombo do Areal: estudo etnográfico sobre memória, sociabilidade e territorialidade negra em Porto Alegre/RS. Dissertação (Mestrado em antropologia) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

MARQUES, Olavo Ramalho. Sobre raízes e redes: territorialidades negras no sul do Brasil. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

ROCHA, Ana Luíza Carvalho da e ECKERT, Cornelia. A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas. Brasília: ABA, 2015.















